

Conservação e Manejo da Biodiversidade em um Assentamento Rural

GAVIOLI, Felipe Rosafa. Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural – Universidade Federal de São Carlos/Embrapa Meio Ambiente, gavioli.f@gmail.com.

Resumo

A criação de assentamentos rurais permite, entre outros aspectos, diversificar a paisagem e a produção agrícola, com a conservação e o uso da biodiversidade. Este artigo pretende analisar o manejo da biodiversidade em um assentamento rural do Estado de São Paulo, como expressão de uma das múltiplas funções que a agricultura familiar assentada pode desempenhar. O resgate de variedades da sociobiodiversidade e o manejo dos recursos locais revelam a reconstrução de um modo de vida, repleto de possibilidades que podem ser potencializadas pelo enfoque agroecológico, em programas e políticas de desenvolvimento rural.

Palavras-chave: Sociobiodiversidade, agricultura familiar, multifuncionalidade da agricultura.

Contexto

A criação de assentamentos rurais não se restringe a dimensão de redução da pobreza rural. Estas experiências representam inovações na gestão territorial, permitindo aos assentados a reconstituição de modos de vida ligados ao rural e inseridos no contexto regional (FERRANTE et al., 2006). A implantação dos assentamentos se desdobra em impactos regionais, dentre os quais se destacam a oxigenação do ambiente político, a dinamização das economias locais, o incremento dos serviços públicos e a diversificação da produção e da paisagem agrícola, especialmente em regiões de monocultura extensiva (HEREDIA et al, 2002). Esta diversificação se expressa na paisagem mosaica de lavouras, pastagens e remanescentes florestais; nas espécies de cereais, hortaliças e frutas cultivadas e de animais criados de diferentes maneiras pelos assentados, resultado das decisões estratégicas destes para gerarem renda e/ou abastecerem suas famílias; e na orientação genética das culturas e das criações, onde o resgate de variedades e de preferências alimentares ganha relevância.

Desta forma, revestindo-se de múltiplos significados, a implantação de assentamentos possibilita o desenvolvimento de uma agricultura de base familiar que vá além do produtivismo que orienta a agricultura produtora de *commodities*, e que seja capaz de desempenhar múltiplas funções sociais. Tal concepção está no centro da noção de multifuncionalidade da agricultura (CARNEIRO e MALUF, 2003), que, rompendo com o enfoque setorial, permite perceber a agricultura familiar como responsável pela conservação da paisagem e dos recursos naturais, pela manutenção do tecido social e cultural em uma localidade, pela produção de bens agrícolas diferenciados e territorializados, e pela preservação da biodiversidade, foco central deste trabalho.

Tendo em vista estas considerações, o presente artigo busca, a partir da ótica da multifuncionalidade da agricultura, analisar o manejo da biodiversidade entre os agricultores do assentamento Monte Alegre, localizado no Estado de São Paulo.

Descrição da Experiência

O assentamento Monte Alegre, criado em 1985, está situado na região de Araraquara, em uma condição de cerrado, no Estado de São Paulo. A maioria dos assentados eram assalariados

Resumos do VI CBA e II CLAA

rurais¹ antes do assentamento, e muitos, provenientes de outros Estados como Minas Gerais, Bahia, Goiás e Paraná, possuem um passado vivido na terra como meeiros, parceiros ou pequenos proprietários em suas regiões de origem (FIAMENGUE, 2002).

Durante o desenrolar das ações do projeto “Apoio à construção de processos de geração de ocupação, renda, e sustentabilidade na agricultura familiar paulista²”, desenvolvidas no assentamento, observou-se que alguns agricultores mantinham sementes de variedades crioulas em suas regiões de origem, as chamadas variedades da sociobiodiversidade, e faziam um manejo dos recursos da flora local, através da coleta de frutos, sementes e plantas medicinais. Por meio de entrevistas semi-estruturadas, registros fotográficos e anotações em diário de campo buscaram-se coletar e sistematizar informações sobre esta biodiversidade, como adaptação às condições edafo-climáticas do assentamento no caso das variedades da sociobiodiversidade, e formas de manejo, de cultivo e de consumo dos produtos da biodiversidade. Este trabalho ainda está em andamento, e faz parte do projeto de mestrado do autor, sendo que aqui apresentamos alguns resultados parciais.

Os assentados que cultivam variedades da sociobiodiversidade são oriundos de fora do Estado de São Paulo, e possuem um passado como agricultores familiares. Um dos entrevistados está no assentamento há 12 anos, e veio no norte de Minas Gerais, onde era pequeno proprietário. De lá, trouxe uma variedade de fava, que apesar de não ter se adaptado bem ao solo do assentamento, é plantada todos os anos em consórcio com milho, para o consumo exclusivo da família.

Um agricultor proveniente de Goiás há 11 anos no assentamento, cultiva uma mandioca conhecida como *aipim-cacau*, que segundo ele, é de grande rusticidade e bom cozimento. O agricultor também planta a mini-moranga goiana, de cor alaranjada, utilizada em pratos salgados. Ao contrário do primeiro entrevistado, este vende a mini-moranga em uma feira municipal, e se orgulha de ter “um produto exclusivo”. Outro agricultor, sergipano, há 10 anos no assentamento, cultiva um feijão de grãos graúdos e vermelhos conhecido como *feijão bravo do Ceará*, com finalidade de adubação verde. Muito semelhante ao feijão de porco, esta variedade é plantada solteira e roçada durante a floração, para recuperar solos desgastados.

Dois assentados provenientes da região de Araraquara fazem uso de produtos da biodiversidade local. O primeiro, coleta sementes da árvore guanandi (*Calophyllum brasiliense*) para produção de mudas, que são vendidas para projetos de recomposição florestal. A espécie, não pioneira e característica de solos úmidos e de brejos, está medianamente ameaçada de extinção (LORENZI, 2002), e é muito plantada no assentamento, principalmente em áreas de mata ciliar ou no entorno de poços cacimba, pois, segundo o agricultor, “chama água para perto dela”.

O segundo coleta e comercializa em feiras frutos de gravatá (*Araeococcus parviflorus*), uma bromélia que pode ser utilizada como ornamental, alimentícia ou, segundo o assentado, medicinal, em xaropes para o tratamento de doenças respiratórias. O mesmo agricultor também coleta para o consumo da família castanhas de baru³ (*Dipteryx alata*), árvore leguminosa nativa do cerrado, rica em óleos e proteínas, e de sabor semelhante ao do amendoim.

¹ Cerca de 66% dos assentados do Monte Alegre trabalhavam no corte da cana ou na colheita da laranja (FERRANTE e BERGAMASCO, 1995).

² Projeto de apoio e fomento à agroecologia, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Baltasar Baptista da Costa, com apoio do CNPq.

³ O baru é reconhecido e protegido através do “programa de Fortalezas” como produto da biodiversidade pelo movimento internacional Slow Food. Ver em: <http://www.slowfoodbrasil.com/content/view/106/70/>

Resumos do VI CBA e II CLAA

Também observou-se entre os assentados o consumo de ingá de metro (*Inga edulis*) e de pequi (*Caryocar brasiliense*), este muito abundante na região, bem como o plantio de diversas variedades de feijão – carioca, preto, bolinha, roxinho, e cara-suja – além do plantio e consumo de feijão guandú e feijão de corda, principalmente entre os agricultores de origem nordestina ou mineira.

Resultados

O assentamento Monte Alegre constitui-se em espaço de resgate de variedades da sociobiodiversidade, que estão atreladas à reconstrução de um modo de vida que existiu no passado. Este passado rural, ainda que remoto e interrompido por migrações e pelo trabalho assalariado, sobrevive de forma fragmentada no assentamento, através do cultivo destas variedades específicas, algumas vezes de forma exclusiva para o auto-abastecimento, e do resgate de preferências alimentares.

Por outro lado, o manejo da biodiversidade local revela uma aproximação dos agricultores com o entorno ecológico em que vivem, engendrando um uso racional e inteligente da flora nativa, na alimentação, nos cuidados com a saúde e como fonte de renda. Neste sentido, os agricultores assentados apresentam um comportamento semelhante ao de populações tradicionais que, ao manejar os recursos naturais, conservam e incrementam a biodiversidade, em uma relação de influências mútuas entre natureza e cultura (LEONEL, 2000).

Mais estudos, e de forma mais aprofundada sobre o manejo da (sócio) biodiversidade neste e em outros assentamentos são necessários, pois revelam uma gama de possibilidades de produção de bens agrícolas territorializados e diferenciados, carregados de significado cultural e simbólico.

Em um cenário em que a agricultura mundial é baseada em cerca de 12 espécies de grãos, 23 de olerícolas e 35 espécies de frutas (ALTIERI et al., 2003) o resgate e manutenção de variedades da sociobiodiversidade, e o manejo adequado da biodiversidade local constituem funções sociais e ambientais desempenhadas por estes agricultores familiares, que podem ser potencializadas por programas de desenvolvimento rural. Ademais, o enfoque da agroecologia pode contribuir muito para a ampliação destas funções e de seus impactos positivos nos assentamentos e no seu entorno, já que a manutenção da biodiversidade em agroecossistemas apresenta benefícios no manejo de pragas, na ciclagem de nutrientes, e da produtividade, resiliência e estabilidade destes (GLIESSMAN, 2001), sendo elemento central em processos de transição agroecológica.

Agradecimentos

Agradecemos a CAPES pela concessão de bolsa, e ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Referências

ALTIERI, M., SILVA, E.N., NICHOLLS, C.I. *O papel da biodiversidade no manejo de pragas*. Ribeirão Preto : Holos, 2003, 226 p.

CARNEIRO, M.J. MALUF, R.S. *Para além da produção : multifuncionalidade e agricultura familiar*. Rio de Janeiro : MAUAD, 2003, 230 p.

FERRANTE, V.L.S.B.; BERGAMASCO, S.M.P.P. *Censo de Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo*. Araraquara: UNESP,1995.

FERRANTE, V.L.S.B., BARONE, L.A., DUVAL, H.C. Experiências de reforma agrária: bloqueios e perspectivas de desenvolvimento rural. *Revista Lutas & Resistências*, Londrina, v. 1, p. 76-90, 2006.

Resumos do VI CBA e II CLAA

FIAMENGUE, E.C. Histórico dos assentamentos. IN: WHITAKER, D.C.A. *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau: Letras a margem, 2002. p. 173-185.

GLIESSMAN, S.R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001, 653 p.

HEREDIA, B. et al. Análise dos impactos regionais da reforma agrária no Brasil. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n.18, p. 73-112, 2002.

LEONEL, M. Bio-sociodiversidade: preservação e mercado. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n. 38, p. 321-346, 2000.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa: Plantarum, 2002, 352 p.